

Desemprego de outubro no DF é o menor em dez anos

FABIANO NEVES/GDF

Flávia Lima

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) registrou a criação de 13 mil postos de trabalho no Distrito Federal em outubro. Trata-se do maior saldo do mês de outubro dos últimos 15 anos. Desenvolvida pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), a pesquisa foi apresentada ontem no Palácio do Buriti em conjunto pelas Secretarias de Desenvolvimento Econômico e Turismo e Desenvolvimento Social e Trabalho.

O índice da taxa de desemprego alcançou a melhor marca de outubro desde 1997. De 17,3% passou para 17,1%. Mas o número de desempregados não diminuiu. Permaneceu em 225 mil pessoas. Isso porque 12 mil brasilienses entraram para a População Economicamente Ativa (PEA).

A queda na taxa de desemprego foi comemorada ontem pelo governo. Mas, de acordo com o Dieese, quando comparado a outras taxas de desemprego, o DF fica atrás de São Paulo (14,6%), Porto Alegre (14,2%) e Belo Horizonte, dona da menor taxa do país.

Para o secretário de Desenvolvimento Econômico e vice-governador do DF, Paulo Octavio, a dinâmica do mercado mostrou mais uma vez que o governo não deve ser o empregador do DF. Em outubro, a Administração Pública perdeu 4 mil postos de trabalho. O comércio foi responsável pela contratação de 8 mil pessoas. No setor de serviços, houve criação de 6 mil vagas, e no de construção civil, de 2 mil.

— Não é o governo o responsá-

vel pela criação de empregos. O governo precisa incentivar o desenvolvimento do setor empresarial — afirmou o secretário.

Entre janeiro e outubro deste ano 53 mil vagas de trabalho foram criadas no DF. Em 2006, o número de empregos criados no mesmo período não passou de 15 mil.

— Dados do IBGE e da Codeplan mostraram esta semana que Brasília passou a ser a quarta cidade do país em número de habitantes. Quanto maior o número de moradores, maior a pressão por emprego. Quem se desloca para Brasília quer trabalhar — disse Paulo Octavio.

De acordo com o secretário, o governo precisa apostar em indústrias. No DF, existem mil áreas disponíveis para instalação de empresas.

— Mas são lotes em cidades que precisam de emprego. Não no Plano Piloto, onde não temos mais de criar vagas de trabalho — explicou. — Brasília não pode ser eternamente a geradora de empregos para o Entorno, onde há espaço e mão-de-obra para desenvolvimento industrial — completou.

O turismo é outra aposta do secretário para o desenvolvimento do DF. Segundo Paulo Octavio, um turista é responsável pela criação de oito postos de trabalho. Mas o Brasil ainda está aquém dos índices internacionais. Brasília, onde o turismo de eventos e de negócios tem sido incentivado pelo governo e pelo setor privado, deve aproveitar ainda mais o potencial turístico que tem.

— Tivemos esta semana a notícia de que a TAP aumentou mais um dia na semana os vôos de Bra-



“Quanto maior o número de moradores, maior a pressão por emprego. Quem se desloca para Brasília quer trabalhar

Paulo Octavio, vice-governador

sília a Lisboa. Nos primeiros meses de operação, o índice de ocupação foi de 80%. Agora temos de incentivar vôos diretos entre Brasília e Estados Unidos — completou o secretário.

O rendimento salarial foi outro item que apresentou crescimento, de acordo com a PED. Estimado em R\$ 1.525, o rendimento médio real é o maior entre todas as regiões metropolitanas do país. Um dado que, segundo Paulo Octavio, faz bem à economia da cidade.

— Trata-se de um dos princípios do capitalismo. Quanto maior a renda, maior poder de compra a população tem, mais aquecidos o comércio e a indústria ficam — observou.

Um dos reflexos da renda elevada da população é o alto índice de escolaridade. São 82 faculdades abertas no DF. Mas existe uma demanda crescente no DF por trabalhadores com qualificação profissional que não exige nível superior, segundo o secretário de Desenvolvimento Social e Trabalho, João Oliveira.

— Antes criávamos cursos técnicos, como de costureira, sem termos garantia de emprego para quem se se profissionalizava. Agora nossa meta é criar cursos de acordo com a demanda — disse Oliveira. A Secretaria fechou agora um curso de caseiro. Foram 100 trabalhadores formados. A demanda veio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater).